

ÁREA TEMÁTICA: FORMAÇÃO, PESQUISA E PRÁTICA DOCENTE EM
ADMINISTRAÇÃO

**“*COMECEI MINHA FACULDADE DURANTE A PANDEMIA*”: COM A FALA,
JOVENS ACADÊMICOS DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO, DE UMA
UNIVERSIDADE PÚBLICA BRASILEIRA**

Resumo

O objetivo deste estudo foi analisar as percepções, quanto às aulas remotas, dos jovens que ingressaram no Curso de Administração, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no Brasil, durante a pandemia de Covid-19. A abordagem qualitativa, com a utilização de entrevista, enfatizou aspectos concernentes ao Ensino Remoto Emergencial (ERE) e ao Processo ensino-aprendizagem. A amostra contemplou vinte e três (23) jovens que iniciaram o curso durante a pandemia. Os dados foram tratados por meio de análise de conteúdo e os principais resultados, no que tange ao ERE, indicaram que o serviço de internet, para a maioria, não foi adequado para acompanhar às aulas, por outro lado, a não locomoção e economia de recursos, foram vistas como vantagens. Quanto ao processo ensino-aprendizagem ressaltou-se a didática empregada e a falta de habilidade tecnológica, pelo corpo docente, naquele momento. Por fim, em tempos de crise, e aulas remotas, os trabalhos em equipe devem ser mantidos, pois estimulam maior socialização entre os discentes.

Palavras-chave: Ensino Remoto Emergencial; Processo Ensino-aprendizagem; Jovem Acadêmico.

Abstract

The objective of this study was to analyze the perceptions of remote classes among young people who enrolled in the Administration Course at the Amazonas State University (UEA), in Brazil, during the Covid-19 pandemic. The qualitative approach, using interviews, emphasized aspects related to Emergency Remote Education (ERE) and the teaching-learning process. The sample included twenty-three (23) young people who started the course during the pandemic. The data were processed through content analysis and the main results, regarding ERE, indicated that the internet service, for the majority, was not adequate to follow the classes; on the other hand, the lack of transportation and saving resources were seen as advantages. Regarding the teaching-learning process, the didactics used and the lack of technological skills by the teaching staff at that time were highlighted. Finally, in times of crisis and remote classes, teamwork should be maintained, as it encourages greater socialization among students.

Keywords: Emergency Remote Teaching; Teaching-learning Process; Young Academic.

1. INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (OMS) anunciou, em março de 2020, a pandemia de Covid-19 que demandou diversas medidas pessoais e coletivas de segurança, com vistas a evitar e/ou reduzir os impactos de uma crise na saúde em todo o mundo. Dentre tais deliberações, destaca-se o isolamento social, que teve inúmeros desdobramentos socioeconômicos, em especial, no campo educacional.

A medida de isolamento, extremamente necessária, foi crucial nas atividades acadêmicas, já que seu cotidiano se configura pela convivência e pela proximidade entre os sujeitos que nela circulam, além da sua estrutura organizada com salas de aula, que provocam aglomerações, bem como nos banheiros, refeitórios, bibliotecas e demais ambientes.

A pandemia, por força da sua proporção e incontáveis vítimas no mundo, apresenta-se ainda como um tema valioso nos conteúdos científicos, visto que suas consequências e impactos alcançaram diversos setores. No que concerne à educação no ensino superior e sua repercussão durante o ensino remoto emergencial, estudos brasileiros trazem abordagens distintas como a adaptação ao uso da tecnologia e da inovação (Camacho et al., 2020); a avaliação da satisfação discente com as aulas (Ferreira et al., 2024); a interação em aulas síncronas (Silva et al., 2024); o processo ensino-aprendizagem (Singh et al., 2022); o prazer e o sofrimento do docente (Sousa et al., 2024), dentre outros temas que fazem jus ao momento à época vivenciado.

A produção internacional, por sua vez, apresenta alguns estudos de perspectivas nacionais, como Funk (2021) que aborda e compara as políticas públicas das universidades do Chile, Canadá e Estados Unidos alusivas às questões de financiamentos, logística para aprendizagem e desigualdades sociais, mostrando assim como cada país respondeu aos desafios educacionais impostos pela Covid-19. Uma revisão sobre as principais dificuldades para implementar políticas de ensino superior durante a pandemia no Vietnã, foi realizada por Nguyen e Bui (2023). Já, Zaimakis e Papadaki (2022) debatem sobre a aprendizagem online no ensino superior na era do coronavírus, examinando o contexto de sua implementação emergencial nas universidades gregas. Estudo desenvolvido por Flores et al. (2021) buscou identificar as dificuldades no ensino-aprendizagem à distância durante o confinamento de acadêmicos portugueses. Nessa vertente, Tejedor et al. (2021) apresentam um estudo comparativo entre três países - Espanha, Itália e Equador - com base nas percepções de professores e alunos, enfatizando como a transição do presencial para o virtual afetou o processo educacional.

Assim, ao analisar as pesquisas sobre educação superior em tempos de pandemia, verificaram-se poucas publicações que enfatizassem a vivência de discentes calouros em relação ao ensino remoto emergencial e ao processo ensino-aprendizagem. Ensejou-se desse modo estudar este grupo e suas percepções, por ingressarem na faculdade em situação tão específica. De acordo com Teixeira et al. (2008) o primeiro ano é um período crítico para a adaptação do estudante à universidade, pois as experiências neste ano inicial são relevantes para a permanência e o sucesso acadêmico. E ainda, a entrada na universidade implica uma série de transformações nas redes de amizade e de apoio social dos jovens estudantes (Tao et al., 2000).

Dado isto, o público-alvo deste estudo foram os jovens acadêmicos do curso de Administração, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no Brasil, que

iniciaram a faculdade de modo remoto, durante a pandemia Covid-19. Dayrell e Gomes (2009) apontam que a juventude é uma construção social iniciada na adolescência, compreendida como um período de transformações biológicas, psicológicas e de integração social. Reflete ainda posicionamentos de sua formação subjetiva que desperta no indivíduo a busca por maior autonomia, responsabilidades, dentre outras mudanças socioculturais.

Assim, o objetivo desta pesquisa foi analisar as percepções dos referidos discentes, sobre as aulas remotas que participaram durante a pandemia Covid-19 e suas experiências no tocante ao processo ensino-aprendizagem. A escolha deste grupo peculiar, jovens calouros, se deu pela magnitude desse momento na vida e na trajetória acadêmica, bem como pela escassez de investigações que os envolvam no período pandêmico.

Quanto à justificativa social do estudo, sabe-se que o ensino universitário foi severamente impactado pela pandemia da Covid-19, por isso é importante conhecer as experiências dos jovens calouros nesse contexto, considerando as suas rotinas, as vantagens e desvantagens relacionadas aos processos de aprendizagem. Teoricamente, pretende-se robustecer o debate sobre o que funcionou adequadamente e o que não pode ser objeto de erros futuros no tocante às aulas remotas. No que concerne aos gestores das instituições de ensino superior, tais achados podem subsidiar o planejamento e a tomada de decisão mais assertivos em situações de crises futuras, que exijam novamente o isolamento social.

Além desta introdução, o artigo, em seu referencial teórico aborda o ensino remoto emergencial e o processo ensino-aprendizagem. Em seguida, descreve-se a metodologia da pesquisa e, após a apresentação e a análise dos dados, tecem-se as considerações finais.

2. MARCO TEÓRICO

2.1. O Ensino Remoto Emergencial

A sociedade global, em virtude da pandemia, teve que se ajustar às restrições sanitárias preconizadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS), entre as quais o distanciamento e o isolamento social, com o objetivo de evitar a propagação do vírus. O sistema educacional foi um dos serviços que mais sentiu os efeitos da pandemia, resultando no fechamento de escolas e universidades em todo o mundo, o que levou à interrupção abrupta das relações entre discentes e docentes (Gopal et al., 2021).

As instituições de ensino tiveram assim, que deslocar, de forma não programada, do padrão de aulas presenciais para o padrão de Ensino Remoto Emergencial (ERE), recorrendo ao intenso uso das tecnologias digitais de informação e da comunicação (Hosseini et al., 2021). O ERE configura-se em um método temporário, não estruturado e online, por meio do qual o ensino-aprendizagem se efetua, dada a impossibilidade de professores e alunos estarem presentes em sala de aula (Shisley, 2020). Tal padrão compreende procedimentos didático-pedagógicos extensamente remotos, cujo objetivo precípua não é estabelecer um sistema organizado e planejado a longo prazo, como transcorre na educação à distância, mas sim, em ofertar formação e acesso a suportes de ensino de forma rápida e eficaz, durante um período de emergência (Hodges et al., 2020).

Por fim, ao se focalizar no grupo jovens calouros, abordados nesse estudo, deve ser levado em conta as explanações de Duarte (2020) que aborda a juventude como um fenômeno da modernidade, compreendido como uma fase de

transformações biológicas, psicológicas, intelectuais e de inserção no universo social e político. Como período de transição para a vida adulta, faz-se acompanhar, sobretudo nas sociedades contemporâneas, de inúmeras tensões. Nesta ótica há diferentes modos de ser jovem que estão perpassados pela forma de acesso aos bens culturais, pelo recorte de classe social, de estilos de vida, de condição gênero, etnia, religião, de vivência individual e grupal. Afinal como se apresentou o ensino remoto emergencial para os jovens calouros que ingressaram no curso de Administração durante a pandemia Covid-19?

2.2. Processo Ensino-Aprendizagem durante a Covid-19

Segundo Anastasiou (2015) ensinar contém, em si, duas dimensões, uma voltada à utilização intencional e outra de resultado, ou seja, requer a intenção de ensinar e a efetivação dessa meta pretendida. O verbo aprender, derivado de apreender (segurar, prender, pegar, assimilar mentalmente, entender) por síncope, significa tomar conhecimento, reter na memória mediante estudo, receber a informação de. Ou seja, apenas o papel cumprido do docente não significa o atendimento imediato da segunda dimensão. E na pandemia, como se desenrolou tais dimensões?

Em complemento, para Gil (2020) a aprendizagem é definida como um processo de construção do conhecimento, onde o aluno se torna independente e criador do seu próprio aprendizado. A aprendizagem significativa implica que o aluno não apenas assimile o conteúdo, mas também seja capaz de aplicá-lo criticamente na realidade, tornando-o relevante e significativo. O processo ensino-aprendizagem durante a pandemia de Covid-19 assegurou uma aprendizagem de qualidade aos jovens acadêmicos? Atingiu seus fins?

O sucesso do processo de ensino-aprendizagem encontra-se também no envolvimento dos estudantes nas atividades de aprendizado propostas e no planejamento das aulas, pelos docentes, de modo que os estudantes sintam-se entusiasmados em construir o conhecimento e desenvolver as competências demandadas pelo mercado (Gil, 2020). Mas na pandemia, como se deu esse processo? Daí por que estudos como os de Ali (2020) mostraram que a aprendizagem em tempos de coronavírus necessitou, além dos recursos físicos e tecnológicos, a prontidão e integração da equipe pedagógica, a confiança entre as partes envolvidas, a acessibilidade e a motivação dos alunos. Assim, estudos como este, que busquem conhecer a estrutura tecnológica e física que os jovens acadêmicos tiveram acesso no momento da crise, e de que modo gerenciaram os desafios propostos pelo cenário pandêmico, têm sua relevância.

Quintana e Afonso (2018) também reforçam que a aprendizagem no ERE, para ser eficaz, necessita do envolvimento do estudante e do professor. Cabe ao docente mediar o processo de ensino-aprendizagem, orientando o educando no estabelecimento do conhecimento. Já o estudante, deve protagonizar o seu aprendizado, fomentando sua autonomia e não se restringindo aos materiais disponibilizados pelo professor. Por fim, para o alcance exitoso do processo ensino-aprendizagem é imperativa a interação entre os atores envolvidos. Deste modo, verificar como se deu a interação no período da pandemia e quais estratégias os acadêmicos utilizaram para suprir tal necessidade, é relevante.

Dadas essas considerações que tecem o referencial desse artigo, passa-se agora para a exposição da metodologia adotada no estudo.

3. METODOLOGIA

Para atingir o objetivo da pesquisa, de analisar as percepções dos jovens ingressantes no Curso de Administração, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), a respeito das aulas remotas que frequentaram em função da pandemia do Covid-19, foi realizado um estudo descritivo-qualitativo, o qual visa descrever em profundidade as características de populações e fenômenos ou possibilitar o estabelecimento de relações entre variáveis (Gil, 2008). Quanto aos procedimentos, a pesquisa foi desenvolvida por meio de estudo de caso, delimitando-se a um grupo de pessoas e expondo as características deste grupo, neste caso, os calouros, que ingressaram no primeiro semestre de 2021. As entrevistas se realizaram em novembro de 2024, momento esse em que estavam cursando o oitavo período do curso. Deste modo, já como finalistas, puderam lembrar e narrar suas experiências de ingresso na graduação em plena pandemia.

O estudo teve como unidade de análise os jovens discentes que iniciaram o curso durante a pandemia (1º semestre do ano de 2021), sendo a unidade de observação aqueles que, durante a coleta de dados, estavam regularmente matriculados no Curso de Administração. Para escolher os sujeitos entrevistados, foi utilizado o critério de acessibilidade (Vergara, 2009), com a participação ocorrendo de acordo com a disponibilidade dos mesmos em participar do estudo. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas com roteiros semiestruturados, sendo entrevistados vinte e três (23) alunos. Ressalta-se que a coleta foi encerrada neste ponto em função do critério de saturação de dados (Gil, 2008). Aos discentes entrevistados foi garantido o sigilo dos dados coletados, sendo identificados por códigos, como D1, D2, D3, até D23, de modo que não pudessem ser identificados.

No início das entrevistas, após os esclarecimentos sobre os seus objetivos, procedia-se à assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), como reza a Resolução nº 510 do Conselho Nacional de Saúde (CNS, 2016). Na sequência, o participante preenchia um formulário de identificação com seus dados sócio-demográficos. As entrevistas duraram, em média, 40 minutos cada, período durante no qual responderam sobre suas percepções em relação às aulas on-line que participaram durante a covid-19 tanto no que se refere ao Ensino Remoto emergencial (estrutura tecnológica; estrutura física para as aulas; vantagens e desvantagens do modelo remoto; integração) quanto ao Processo ensino-aprendizagem (qualidade das aulas; auto-avaliação da aprendizagem; sugestões de melhoria). Mediante a autorização dos entrevistados, os diálogos foram transcritos integralmente, possibilitando a análise de conteúdo (Bardin, 2008).

A análise de conteúdo foi desenvolvida empregando procedimentos de acordo com configurações propostos por Melo et al. (2007), em três fases: i) preparação: os dados foram transcritos e ordenados para as seguintes etapas; ii) tabulação quantitativa: apresentaram-se os dados em molde de tabelas buscando identificar reincidências, contradições e relevâncias nos relatos e iii) análise ou categorização temática: por meio de leituras e releituras dos dados, foi possível extrair ideias que ultrapassavam a temática central.

Esclarecida a metodologia, segue a análise dos resultados.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção serão apresentados e analisados os dados da pesquisa, envolvendo o perfil dos entrevistados, as questões relacionadas ao Ensino Remoto Emergencial e os temas referentes ao Processo ensino-aprendizagem.

4.1. Perfil dos Entrevistados

Os sujeitos participantes da pesquisa foram 23 discentes que iniciaram o curso de Administração no primeiro semestre de 2021, de modo remoto. No que se refere à caracterização dos participantes, a maioria era do sexo feminino (53,03%). Quanto à faixa etária, a maioria tinha entre 18 e 22 anos de idade (72,04%), 13,08% estava entre 23 e 27 anos e 14,88% com mais de 28 anos, no momento da pesquisa. A maioria dos entrevistados informou ser de cor parda (54,03%), seguidos pelos de cor branca (32,01%) e 13,96% informaram cor amarela. Todos notificaram não possuir nenhum tipo de deficiência.

4.2. Ensino Remoto Emergencial (ERE), segundo os entrevistados

A entrevista no que se refere ao ERE, abrangeu perguntas voltadas às seguintes categorias: a) estrutura tecnológica (equipamentos e internet); b) estrutura física (conforto necessário para participar das aulas); c) vantagens e desvantagens do modelo remoto de ensino; d) estratégias estabelecidas para superar as dificuldades durante o ERE; e) integração com os colegas, e f) integração com os professores.

a) Estrutura Tecnológica

As respostas dos discentes que mais se repetiram quanto à estrutura tecnológica (notebook, tablets, celulares e internet) que dispuseram para realizar seus estudos, durante a pandemia, concentram-se do seguinte modo, conforme apresentado na Tabela 01:

Tabela 01 – Estrutura Tecnológica

Situações Vivenciadas:	Frequência
Equipamentos adequados, mas internet deficiente	D1, D3, D6, D8, D10, D11, D12, D14
Internet adequada, mas equipamentos inapropriados	D2, D9, D15, D19 e D23
Internet e equipamentos adequados	D4, D5 e D22

Fonte: Elaborado pela autora

A questão da estrutura tecnológica foi mencionada em vários momentos da entrevista, para a maioria, como um problema. Em raras narrativas não se apresentou deficiente, como destacado na fala de D5 “*A minha estrutura foi boa, consegui acompanhar as aulas, pois tinha acesso à internet bem como a dispositivos móveis que viabilizaram as aulas em tempo real via google meet*”. Mas para a maioria, o aspecto tecnológico configurou-se um empecilho, como revelado por D5 e D10: “Na época tinha computador e *tablet* como suporte, só a internet que foi um problema, pois caía e às vezes era lenta”(D5); “A principal dificuldade foi a instabilidade da internet em alguns momentos, assim como a instabilidade de energia elétrica em alguns dias de chuva” (D10).

Observa-se desse modo que o uso da internet tem se mostrado ainda centralizado, ficando à margem aqueles que possuem acesso limitado, ou ainda, aqueles que não possuem uma usabilidade tão eficaz, demonstrando que em plena era da informação, há uma grande divisão digital, gerada pela própria desigualdade da realidade da social (Castells, 2003). De fato, a tecnologia não é um bem de consumo disponível de modo qualitativo à toda sociedade, fato esse constatado neste estudo.

b) Estrutura Física

No quesito estrutura física (mesas, cadeiras, conforto e espaço adequado para acompanhar as aulas de modo remoto) os discentes também expuseram suas experiências, sendo que as respostas que mais foram presentes em suas falas, são as que seguem na Tabela 02:

Tabela 02 – Estrutura Física

Tipo de Estrutura:	Frequência
Estrutura adequada	D1, D6, D9, D10, D11, D12, D17, D19
Estrutura inadequada	D2, D3, D4, D5, D7, D8, D13, D14, D15, D16, D18, D20, D21, D22, D23

Fonte: Elaborado pela autora

Ao serem questionados sobre a adequação da estrutura física que tiveram para acompanhar as aulas remotas, as respostas emergiram tanto no que se refere à adequação, no que se refere ao conforto, quanto à inadequação de espaços e móveis. Para alguns discentes como D6 esse aspecto não se configurou problemático, destacando “Tive uma estrutura física adequada para assistir a aula, com privacidade e um ambiente que me permitia permanecer concentrado”. Mas em outros relatos como o de D7, tais aspectos revelam alguns entraves vivenciados: “Durante o período que assisti aulas online, não tinha boa estrutura física. Assistia no sofá, mesa de jantar ou na cama” (D7).

Tais quais os aspectos tecnológicos, os mobiliários familiares também se mostraram fragilizados e impróprios para muitos acadêmicos que iniciaram o curso de modo remoto, e que precisaram adequar os espaços domésticos para acompanhar as aulas.

c) Vantagens e Desvantagens do modelo remoto de ensino

Ao serem perguntados sobre as vantagens e as desvantagens de terem estudado de modo remoto, as respostas, que mais se repetiram podem assim ser agrupadas, conforme Tabela 03:

Tabela 03 – Vantagens e Desvantagens do ERE

Situações Vivenciadas	Frequência
<i>Vantagens do ERE:</i>	
- Não locomoção e economia de recursos financeiros	D1, D2, D3, D4, D5, D6, D7, D8, D10, D11, D12, D14, D16
- Conforto e maior tempo por estudar em casa	D1, D5, D7, D8, D10, D13
- Fácil acesso às aulas	D8, D9, D14, D15
<i>Desvantagens do ERE:</i>	
- Dificuldade de concentração e falta de motivação	D1, D2, D3, D6, D8, D14, D15, D19
- Instabilidade da internet	D1, D4, D5, D9, D 10, D12, D13, D20, D22

Fonte: Elaborado pela autora

Nessa categoria de análise foram destacadas as vantagens do modelo remoto de ensino, como a economia de recursos financeiros, maior tempo para estudar e fácil acesso às aulas. Para D4 e D15 tais situações são bem esclarecidas ao compartilharem que “Acredito que a mobilidade, de não ter gastos com transporte e poder estudar de casa” (D4) e ainda “Acredito que uma vantagem das aulas remotas era o maior acesso aos conteúdos para posteriormente estudar melhor” (D15). Já as desvantagens remontam-se às questões de concentração e à instabilidade da internet, conforme apresentado por D14 e D20, respectivamente; “Manter a concentração nas aulas e realizar trabalhos em grupo com os colegas que ainda não conhecia presencialmente” (D14); “Acredito que, com as quedas de internet, algumas aulas ficaram prejudicadas por travarem e ou não conseguir acesso ao *meet*” (D20).

Interessante destacar que Gomes et al. (2020), em sua pesquisa com discentes, também mencionaram a dificuldade de concentração nesse período pandêmico, onde foi suscitada a preocupação de que, com o acesso à internet, poderiam conectar-se com outras páginas, como as redes sociais. Em outro prisma como vantagem do ERE, Camacho et al (2020) destaca a capacidade do discente de ter acesso permanente às aulas gravadas, o que foi constatado no presente estudo.

d) Estratégias para superar as dificuldades

Quanto às estratégias utilizadas para superar as dificuldades durante o ERE, as respostas mais evidenciadas, podem assim ser apresentadas, conforme mostra a Tabela 04:

Tabela 04 – Estratégias utilizadas frente às dificuldades

Estratégias Estabelecidas:	Frequência
Busca por local com poucos ruídos	D3, D6, D8, D10, D11, D15, D16
Revisão mais periódica dos conteúdos	D1, D4, D5, D8, D9
Procura por espaços com melhor internet	D2, D6, D7, D12

Fonte: Elaborado pela autora

Ao serem abordados sobre as estratégias adotadas para minimizar as dificuldades vivenciadas e, conseqüentemente, o alcance de melhor resultado acadêmico, as respostas focalizaram a busca por locais com poucos ruídos, maior revisão dos conteúdos e migração para espaços com internet de boa qualidade, conforme relatos de D8, D1 e D7, respectivamente. “Eu buscava ver as aulas sempre em um local mais silencioso, sempre avisava meus familiares para que não houvesse muitas interrupções” (D8). “Passei a gravar algumas aulas para depois ouvir e estudar” (D1). “Muitas vezes ia para casa de parentes assistir às aulas pelo celular, por falta de internet” (D7).

Conforme relato dos jovens acadêmicos, percebe-se que houve empenho para que mesmo em momento adverso, pudessem obter um melhor aprendizado. Embora fossem calouros, percebe-se um comportamento que denota responsabilidade com sua qualificação e formação acadêmica.

e) Integração com os colegas da turma

A integração com os colegas deveu-se principalmente pelos trabalhos de grupo, solicitados por alguns docentes, e as respostas quanto a este quesito, podem ser assim compiladas na Tabela 05:

Tabela 05 – Integração com os pares

Integração com os pares ocorreu:	Frequência
De forma satisfatória	D2, D4, D5, D6, D7, D8, D9, D10, D14, D16, D17
Bastante limitada	D1, D3, D11, D15, D23

Fonte: Elaborado pela autora

Ao serem perguntados como ocorreu a integração com os colegas, ao iniciarem o curso de modo on-line, informaram que o ponto crucial dessa integração se deveu aos trabalhos de grupo que alguns docentes solicitavam, como informado por D1 “A maior parte ocorreu quando tinha alguma atividade em grupo, principalmente quando precisávamos apresentar”. Para alguns como D3, a integração foi boa, já para D23, foi limitada, conforme indicam os relatos. “Foi ótima, no início tivemos uma recepção online via *meet* e fiz uma amizade que levei até o fim da faculdade por conta de assuntos em comum” (D3). “Sinto que foi uma socialização ‘por sobrevivência’, mais da metade da turma só fui assimilar nomes e rostos na aula presencial” (D23).

Zhou e Zhang (2021) relatam como obstáculo no ambiente do ERE é a falta de interação com colegas de turma, já que a sala de aula presencial permite as mais ricas interações. Entretanto há a possibilidade de criação de grupos permitindo que os alunos se engajem mais e tenham maior percepção de presença social, mesmo que por meio de vídeo conferência, que é uma forma de interação em tempo real, e uma alternativa que se aproxima da realidade presencial (Yoon & Leem, 2021). Logo, em tempos de crise, e aulas remotas, os trabalhos em equipe devem ser mantidos, pois estimulam maior socialização entre os discentes.

f) Integração com os professores

Outro ponto abordado no estudo, foi a integração com os docentes, sendo que a maioria das respostas indicaram que o *Google Classroom*, *Google Meet* e *WhatsApp* foram indispensáveis nesse processo, portanto as falas puderam assim ser demonstradas na Tabela 06:

Tabela 06 – Integração com os docentes

A integração com os docentes foi:	Frequência
Formal e limitada	D1, D2, D4, D7, D8, D9, D11, D12, D13, D14, D16, D17, D19, D20, D21
Adequada	D3, D5, D6, D10, D15, D18

Fonte: Elaborado pela autora

A maioria considerou formal e limitada a comunicação com os docentes durante a pandemia, conforme relato de D16 que assim narrou “Baixo, não houve interação com os professores devido a vergonha”. Porém, D6 elogiou tal processo informando que “Eram satisfatórias, eles sempre buscaram interações e nos envolver nas atividades, enviávamos e-mail e logo recebíamos respostas”. Já D18

menção que em cada disciplina a comunicação fluiu de modo específico: “Considero que foi uma integração mediana em algumas disciplinas e alta em outras” (D18).

Para Arruda (2020) a educação remota deve manter o vínculo entre educandos, professores e demais profissionais, perfazendo-se em uma visão abrangente que também inclua a complexidade do confinamento, interações familiares e fragilidades. Logo, em tempos pandêmicos há de se alçar melhor comunicação entre os envolvidos, traçando-se estratégias para que a comunicação entre docentes e discentes seja mais eficaz.

4.3. Processo Ensino-aprendizagem segundo os entrevistados

Nesta etapa foram levantadas questões referentes ao processo ensino aprendizagem que abrangeram as seguintes categorias de análise: a) a qualidade das aulas; b) a autoavaliação da aprendizagem; c) a experiência/vivência de iniciar o curso on-line, e d) sugestões de melhoria à universidade

a) Qualidade das Aulas

Quando perguntados sobre a qualidade das aulas, as respostas enfatizaram a didática empregada e as questões relacionadas às tecnologias, o que, segundo os entrevistados, comprometeu tal processo. Houve também aqueles que avaliaram como boa as aulas, sendo que o padrão de respostas que mais se repetiu está apresentado na Tabela 07:

Tabela 07 – Qualidade das aulas remotas

Opiniões sobre as aulas:	Frequência
Didática inadequada	D2, D3, D4, D5, D7, D9, D10, D13, D14, D17, D20, D21, D22, D23
Docentes com poucas habilidades tecnológicas	D1, D2, D3, D18, D19, D22
Aulas de boa qualidade	D6, D10, D11, D15, D16

Fonte: Elaborado pela autora

A questão da didática inadequada foi mencionada por D1 ao informar que “Talvez o método de ensino, a didática no caso, poderia ter sido melhor”. O Entrevistado D13 também mostra insatisfação quanto a este aspecto ao mencionar que “Acho que o padrão de toda aula ‘apresentação de slides’ fica um pouco cansativo, poderia ter uma atividade de interação como uma ‘roda de conversa’ ou jogos de perguntas e respostas”. As questões das habilidades tecnológicas emergiu na fala de D 18 “Muitos dos professores não tinham ou não têm habilidade com a tecnologia”. Houve também quem avaliou positivamente as aulas, como D11: “As aulas tiveram ótima qualidade, tanto de constância quanto de fluidez dos equipamentos dos professores. Aparentemente os professores tinham sido bem instruídos com o *google meet* e *classroom*” (D11).

Logo, com base nas respostas dos jovens calouros, é imprescindível maiores investimentos junto aos docentes para obtenção de ferramentas pedagógicas e tecnológicas para melhor aproveitamento das aulas em tempos de confinamento, inclusive no que tange à inteligência artificial.

b) Autoavaliação do aprendizado

Ao serem perguntados sobre como avaliam seu aprendizado durante as aulas remotas, a maior parte das respostas convergiram para aprendizado bom ou alto, aprendizado médio ou aprendizado abaixo do esperado, conforme dados apresentados na Tabela 08:

Tabela 08 – Autoavaliação da aprendizagem

Opiniões:	Frequência
Aprendizado bom ou alto	D2, D3, D7, D16
Aprendizado médio	D1, D6, D8, D9, D10, D11, D12, D13, D14, D18, D19
Aprendizado baixo	D4, D5, D15, D17, D20, D21

Fonte: Elaborado pela autora

Nesse quesito, D3 elogiou esse processo informando que “Aprendi muito, tinham amplas discussões exatamente como em aula, mesmo com as limitações do online, eu conseguia conversar muito bem com os professores em aula”. Já D14 avaliou como médio ao mencionar que “Assim, apesar do meu aprendizado acadêmico não ter sido prejudicado materialmente, avalio que em determinados momentos ele se mostrou incompleto”. Por fim, alguns entrevistados mostraram-se insatisfeitos com seu aprendizado, como D15: “Sinceramente, não obtive muito conhecimento, as aulas eram cansativas no on-line, sem interações” (D15).

Assim, com base nas respostas apresentadas, sugere-se aos professores e coordenadores de curso, maior atenção para o aprendizado do discente em tempos pandêmicos, considerando-se para isso uma análise que foge das métricas quantitativas, como notas.

c) Começar uma faculdade pública, on-line

Quando lhes foi perguntado sobre a experiência de iniciar uma faculdade pública de modo remoto, devido à pandemia, a maior parte das respostas direcionou-se para “bom e desafiador”, “normal” ou “ruim”, conforme demonstrado na Tabela 09:

Tabela 09 – Começar a faculdade on-line

Percepções:	Frequência
Foi bom e desafiador	D1, D2, D5, D10, D12, D18, D19, D21
Foi normal	D3, D4, D9, D14, D17
Foi ruim	D6, D8, D11, D13, D15, D16, D20, D21

Fonte: Elaborado pela autora

Para alguns discentes, como D19, iniciar o curso de Administração de modo remoto foi satisfatório pois “Sendo uma pessoa tímida foi mais fácil interagir de maneira online com a turma”. Para outros, como D4 foi normal visto que “Parecia uma extensão do meu último ano do ensino médio - risos - mas com mais pressão”. Já o relato de D6 mostra um misto de sentimentos, conforme segue: “Foi frustrante e

confuso. Apesar de estar muito feliz com a aprovação, iniciar de modo on-line na da pandemia foi um desafio para superar expectativas criadas durante os anos escolares” (D6).

Essa escuta quanto às percepções de se iniciar um curso de modo remoto, em situação de pandemia, traz à tona as diferentes experiências dos acadêmicos, abstraindo-se pontos fortes e frágeis, de modo a traçar políticas e planos para eventos futuros, caso necessário.

d) Sugestões de melhoria à Universidade

Quando perguntados sobre as sugestões de melhoria para os próximos eventos que possam exigir novamente o isolamento social, a recomendação que se repetiu em várias falas refere-se à capacitação docente, de modo que as aulas on-line tornem-se mais dinâmicas, como bem ilustra a Tabela 10:

Tabela 10 – Sugestões de melhoria

Proposta principal:	Frequência
Aulas mais dinâmicas e capacitação docente	D3, D5, D6, D7, D9, D10, D12, D13, D14, D15, D16, D17, D18, D19, D20, D21

Fonte: Elaborado pela autora

A temática qualidade das aulas e uma melhor performance docente foi algo ressaltado pelos alunos, caso sejam novamente necessárias aulas remotas, por força de outras pandemias ou eventos que exijam isolamento social, conforme relato de D15 “Treinamentos para o corpo docente e estratégias para o ensino”. A questão de uma maior interação foi mencionada por D20, conforme segue: “Que busquem maneiras eficientes de chamar os acadêmicos para acompanhar e participar das aulas, de forma mais interativa e participativa” (D20).

Nas pesquisas de Ferrari e Bastos (2021), de modo similar, foi verificado que o (des)conhecimento e a adaptação ao uso das ferramentas digitais - o correspondente a 54% das respostas dos docentes - indicou que o processo de transição do ensino presencial para o remoto foi a principal dificuldade encontrada, seja devido ao pouco tempo disponível para a reestruturação dos conteúdos e, também, na definição sobre qual plataforma digital utilizar.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

O presente estudo teve como objetivo analisar as percepções, quanto às aulas remotas, dos jovens que ingressaram no Curso de Administração, da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), no Brasil, durante a pandemia de Covid-19. A abordagem qualitativa, com a utilização de entrevista, enfatizou aspectos concernentes ao Ensino Remoto Emergencial (ERE) e ao Processo ensino-aprendizagem. A amostra contemplou vinte e três (23) jovens que iniciaram o curso durante a pandemia.

As principais vantagens do ERE, segundo os entrevistados, referem-se a não locomoção e economia de recursos financeiros, a facilidade de acesso ao conteúdo das aulas e o conforto e tempo para estudar em casa. Como desvantagens destacaram principalmente a dificuldade de concentração e a instabilidade da internet. Outra questão bem evidente nas entrevistas refere-se à necessidade de

interação entre os pares e que esta deve ser fomentada através das atividades em equipe organizadas pelos docentes, o que se mostrou oportuno para aproximar os calouros durante a pandemia Covid-19.

Quanto ao processo ensino-aprendizagem destaca-se que o aprendizado, para a maioria, foi mediano e que as aulas on-line, para um melhor aproveitamento, devem ser mais dinâmicas, com maior capacitação docente em tecnologias de ensino disponíveis.

Os resultados desta pesquisa podem ser úteis aos tomadores de decisão de universidades públicas, no planejamento mais assertivo para futuros eventos que exijam novamente isolamento social e aulas remotas. Focalizar em aspectos como capacitação docente, formas de integração dos acadêmicos entre si e junto aos professores e coordenadores, bem como apoio para aquisição de um serviço adequado de internet para os mais vulneráveis socialmente, podem ser pontos importantes para alavancar o processo ensino-aprendizagem.

Como limitação deste estudo destaca-se o fato de ter abordado apenas calouros do curso de Administração de uma universidade pública brasileira. Para futuras pesquisas sugere-se aumentar o campo de estudo, abordando acadêmicos de outros cursos como medicina e direito, que iniciaram seus cursos no mesmo semestre pesquisado, áreas que historicamente são frequentadas por camadas sociais mais abastadas, e comparar em que medida as dificuldades vivenciadas pelos jovens acadêmicos do curso de Administração também foram evidenciadas nos cursos citados. Sugere-se ainda, outros estudos comparativos com acadêmicos de universidades particulares de diferentes áreas.

Por fim, pesquisas que envolvam o ingresso de jovens nas universidades devem ser destacadas com mais frequência nos seus âmbitos cultural, histórico e social, com a finalidade de lançar luzes para melhores práticas acadêmicas e de aprendizagem.

Referências

- Ali, W. (2020). Online and Remote Learning in Higher Education Institutes: A Necessity in light of COVID-19 Pandemic. *Higher Education Studies*, 10(3), 16-25. <https://doi.org/10.5539/hes.v10n3p16>
- Anastasiou, L. G. C. (2015). Ensinar, Aprender, Aprender e Processos de Ensino. In L. G. C. Anastasiou, & L. P. Alves. *Processos de ensino na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula* (10a ed.). Univille.
- Arruda, E. P. (2020). Educação Remota Emergencial: elementos para políticas públicas na educação brasileira em tempos de Covid-19. *Em Rede: Revista de Educação à Distância*, 7(1), 257–275.
- Bardin, L. (2008). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Camacho, A. C. L. F., Joaquim, F. L., Menezes, H. F. d., & Sant' Anna, R. M. (2020). A tutoria na educação à distância em tempos de COVID-19: orientações relevantes. *Research, Society and Development*, 9(5), 1-12. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i5.3151>
- Castells, M. (2003). *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Zahar: Rio de Janeiro.

- CNS – Conselho Nacional de Saúde (2016). Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Brasília.
- Dayrell, J., & Gomes, N. L. (2009). *A juventude no Brasil*. Belo Horizonte.
- Duarte, A. D. (2020). Juventudes e Universidade: os desafios da formação de jovens no tempo presente. *Caminhos*, Goiânia, 18 (1), 220-233, jan./abr.
- Ferrari, M. A., & Barros, K. F. (2021). Ensino remoto em tempos de pandemia: relatos de docentes de cursos de Relações Públicas no Brasil. *Olhar de Professor*, vol. 24.
- Ferreira, F. J., Araújo, V. S., Nascimento Neto, A. M., & Rodrigues, F. G. S. (2024). Ensino virtual e pandemia: desafios dos discentes do curso de ciências contábeis da Universidade Federal da Paraíba. *Revista Liceu*, on-line.
- Flores, M. A., Veiga Simão, A. M., Barros, A., Flores, P., Pereira, D., Lopes Fernandes, E., Costa Ferreira, P., & Costa, L. (2021). Ensino e aprendizagem à distância em tempos de COVID-19: um estudo com alunos do Ensino Superior. *Revista Portuguesa De Pedagogia*, 55, .
https://doi.org/10.14195/1647-8614_55_1
- Funk, R. L. (2021). Challenges for higher education in times of COVID-19: How three countries have responded. *Higher Learning Research Communications*, 11, 106–111. <https://doi.org/10.5590/10.18870/hlrc.v11i0.1242>
- Gil, A. C. (2008). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas.
- Gil, A. C. (2020). *Metodologia do ensino superior* (5a ed.). Atlas.
- Gomes, M. A. et al. (2020) Contexto atual do ensino remoto em tempos de covid - 19: um estudo de caso com estudantes do ensino técnico. *Brazilian Journal of Development*, 6(10), 79175 – 79192.
- Gopal, R., Singh, V., & Aggarwal, A. (2021). Impact of online classes on the satisfaction and performance of students during the pandemic period of COVID-19. *Education and Information Technologies*, 26(6), 6923-6947. <https://doi.org/10.1007/s10639-021-10523-1>
- Hodges, C. B., Moore, S., Lockee, B. B., Trust, T., & Bond M. A. (2020). The difference between emergency remote teaching and online learning. *Virginia Tech Online*. <http://hdl.handle.net/10919/104648>
- Hosseini, M. M., Egodawatte, G., & Ruzgar, N. S. (2021). Online assessment in a business department during COVID-19: Challenges and practices. *The International Journal of Management Education*, 19(3), <https://doi.org/10.1016/j.ijme.2021.100556>
- Melo, M. C. O. L., Paiva, K. C. M., Mageste, G. S., Brito, M. J. M., & Cappelle, M. A. (2007). Em busca de técnicas complementares em pesquisa qualitativa no campo da administração. In F. C. Garcia, & L. C. Honório (Coords.), *Administração, metodologia, organização, estratégia*, 67-79, São Paulo: Juruá.
- Moore, M. G. (1989). Three types of interaction. *The Journal of Distance Education*, 3(2), 1-7.

- Nguyen, N. D., & Bui, L. T. H. (2023). Review of Higher Education Policies during Pandemic Covid-19: A Vietnamese Perspective. *Journal for Educators, Teachers and Trainers*, 14(4), 138-149.
- Quintana, A. C., & Afonso, L. E. (2018). Tecnologias na Educação: Há Impacto no Desempenho Acadêmico? *Revista Universo Contábil*, 14(1), 7-28. <https://doi.org/10.4270/ruc.2018101>
- Silva, A. V. S. da, Ferreira, D., Neves, D. A., & Quintana, A. C. (2024). Interação em aulas síncronas: aspectos por trás das escolhas de alunos do curso de Ciências Contábeis. *Revista Universo Contábil*, 19(1). <https://doi.org/10.4270/ruc.2023103>
- Singh, A. S., Kaniak, V. M. M., & Carli, E. (2022). A Educação para a Sustentabilidade em tempos de pandemia: um estudo com docentes de cursos de Administração de Instituições de Ensino Superior brasileiras. In: XLVI Encontro da ANPAD – EnANPAD, São Paulo. 1-13.
- Shisley, S. (2020). Emergency remote learning compared to online learning. *Learning Solutions*.
- Sousa, J., Sousa T. V., & Anjo, J. E. (2024). Prazer e sofrimento no processo de adaptação de trabalho docente em tempos de pandemia de covid-19. *Pensamento & Amp; Realidade*, 38(1), 137–156. <https://doi.org/10.23925/2237-4418.2023v38i1.p137-156>.
- Tao, S., Dong, Q., Pratt, M. W., Hunsberger, B., & Pancer, S. M. (2000). Social support: Relations to coping and adjustment during the transition to university in the People's Republic of China. *Journal of Adolescent Research*, 15, 123-144.
- Teixeira, A. P. T., Dias, A. C. G., Wattrich, S. H., & Oliveira, A. M. (2008). Adaptação à Universidade em jovens calouros. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*, 12(1), 185-202.
- Tejedor, S., Cervi, L., Pérez-Escoda, A., Tusa, F., & Parola, A. (2021). Higher Education Response in the Time of Coronavirus: Perceptions of Teachers and Students, and Open Innovation. *J. Open Innov. Technol. Mark. Complex*, 7(43). <https://doi.org/10.3390/joitmc7010043>
- Vergara, S. C. (2009). *Projetos e relatórios de pesquisa em administração*. São Paulo: Atlas.
- Yoon, P., & Leem, J. (2021). The influence of social presence in online classes using virtual conferencing: Relationships between group cohesion, group efficacy, and academic performance. *Sustainability*, 13(4).
- Zaimakis, Y., & Papadaki, M. (2022). On the digitalisation of higher education in times of the pandemic crisis: techno-philic and techno-sceptic attitudes of social science students in Crete (Greece). *SN Social Sciences*. A Springer Nature Journal, 1-18. DOI: 10.1007/s43545-022-00380-1
- Zhou, J., & Zhang, Q. (2021). A survey study on U.S. college students' learning experience in COVID-19. *Education Sciences*, 11(5), 248. <https://doi.org/10.3390/educsci11050248>